

# O ADVÉRBIO *AGORA* EM PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: É PRECISO ENSINAR QUE/ COMO/POR QUE A LÍNGUA MUDA

## *THE ADVERB AGORA IN THE PROCESS OF GRAMMATICALIZATION: IT IS NECESSARY TO TEACH WHAT/HOW/WHY THE LANGUAGE CHANGES*

Camilo Rosa Silva  
Universidade Federal da Paraíba

Maria José de Oliveira  
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

### RESUMO

A gramática tradicional, por ser conservadora e visar à imposição de uma norma já estabelecida, não considera a natureza fluida dos padrões gramaticais. Neste trabalho, tomamos como elemento de análise a presença do elemento linguístico *agora* em amostras de língua oral (*corpus* D&G – Natal-RN – FURTADO DA CUNHA, 1998), para demonstrar como o item tem evoluído de uma função dêitica para outra conectiva. O objetivo básico é evidenciar o caráter emergente das funções gramaticais flagrado nesse dinamismo para suscitar, na perspectiva da linguística funcional (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVON, 1995), uma discussão sobre a viabilidade de um ensino de gramática que invista em análise de dados da oralidade para buscar uma prática pedagógica mais reflexiva no ensino-aprendizagem do português.

**Palavras-Chave:** gramática; ensino; oralidade

### ABSTRACT

The traditional grammar, as conservative and seeking to impose a standard already established, doesn't consider the fluid nature of grammatical patterns. In this work, we take as an element of analysis the presence of the linguistic element "agora" in samples of oral language (*corpus* D&G - Natal-RN - FURTADO DA CUNHA, 1998), to demonstrate how the item has evolved from a deitic function to another connective.

The basic goal is to evidence the emerging character of grammatical functions caught at this dynamism to analysis to seek a more reflective education practice in the teaching-learning of portuguese.

**Keywords:** Grammar; teaching; orality

## INTRODUÇÃO

Por sua natureza de inspiração conservadora, e por visar à fixação de comportamentos normativistas, o tratamento que os compêndios gramaticais destinam aos conectores - elementos que realizam as junturas nas sequências textuais - nem de longe representa a maioria dos usos interacionais da língua, a se considerar a riqueza de nuances sintático-semânticas determinantes de sua pragmatização.

Nosso olhar, no presente trabalho, tenta enxergar algumas dessas manifestações em recortes de língua oral, tomando como contraponto as descrições, prescrições e normatizações apresentadas e defendidas pelas referidas gramáticas, voltadas para o ensino de língua portuguesa no nível básico.

O ponto de partida são amostras do *corpus* Discurso e Gramática (D&G) da cidade de Natal-RN, organizado por Furtado da Cunha (1998). Os dados analisados se compõem de recortes de língua oral, nos quais aparece o item linguístico *agora* atuando em funções diversas. Essas ocorrências são indícios que apontam a multiface das combinações semânticas que, a partir dos contextos, intenções, estilos, ou mesmo das restrições impostas pelo repertório, se distinguem das classificações estanques, congeladas nas propostas classificatórias tradicionais.

Nossa análise sedimenta-se na visão de que a gramática atua de forma emergente (HOPPER,1998), vislumbrando a importância da frequência no que concerne às perspectivas de regularidades que compõem o sistema linguístico. Lembremos, como já o fizemos em Silva (2007), que a abordagem funcionalista de análise dos usos linguísticos reconhece a influência que as necessidades comunicativas dos falantes exercem sobre o sistema. Existiria um poder de pressão ativador de elementos extralinguísticos, os quais tornam incompatível com o uso a estabilidade tradicionalmente requerida

às gramáticas das línguas naturais. Desse modo, a situação interacional, ao mesmo tempo em que lança mão de estruturas fixas e restritivas, também motiva, explica e reordena o contingente gramatical.

Nossa proposta de análise considera a possibilidade de flutuação das categorias gramaticais, uma vez que os aspectos observados envolvem elementos típicos da condição pragmática que contorna os atos de fala, as interações, as realizações linguísticas, enfim.

É sabido que, do ponto de vista da linguística funcional, todos os termos de uma língua em uso estão sujeitos aos processos de variação e mudança. Essa percepção revela, por si mesma, a natureza fluida dos padrões, uma vez que contempla mudanças ocorridas com os itens e construções ao longo da história das línguas. Assim, para uma melhor compreensão do comportamento das conjunções no português, é necessário entendermos o processo histórico evolutivo pelo qual elas passaram. Destarte, entendemos como essencial a valorização de critérios menos rígidos de classificação, optando pela perspectiva funcionalista que advoga a prototipicidade como uma característica inerente ao comportamento gramatical das expressões linguísticas, em decorrência da fluidez discursiva que perfaz a roupagem das línguas.

Para atingir os objetivos aqui propostos organizamos este texto em três seções, a saber: resenha dos fundamentos conceituais inerentes ao processo de gramaticalização e à teoria da prototipicidade; apresentação de dados do *corpus* D&G nos quais se revelam usos não canonizados do item linguístico *agora* – elemento escolhido para ilustrar a discussão; e, concluindo, sugestões de uso de amostras de língua oral para realização de análises linguísticas em sala de aula.

## 1. Gramática(lização) e prototipicidade

O tipo de mudança linguística denominado *gramaticalização* é, grosso modo, definido como o processo que leva itens lexicais ao desempenho de funções cada vez mais abstratas, partindo de sentidos autônomos para funcionalidades mais atuantes na organização linear dos enunciados.

Geralmente, a concepção de gramaticalização está relacionada

à idéia de que o processo se constitui num *continuum*<sup>1</sup>, que se estabelece entre unidades independentes, identificadas como itens autônomos menos ligados, e unidades dependentes, a exemplo dos clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

A concepção de gramática desenvolvida pelo funcionalismo ressalta seu caráter dinâmico e emergente, como um sistema parcialmente autônomo e parcialmente motivado por pressões externas, adaptável às condições de uso e que, por isso mesmo, nunca se estabiliza por completo (DU BOIS, 1993).

Essas condições adaptativas dão sustentação ao fenômeno da gramaticalização, entendida como a evolução de construções relativamente livres no discurso, motivadas por necessidades comunicativas, para construções relativamente fixas na gramática (DU BOIS, op. cit.). Isso quer dizer que construções originariamente motivadas pela situação comunicativa evoluem para formas que, pela frequência de uso, vão se padronizando, até se cristalizarem em estruturas gramaticais arbitrárias.

A rotinização regulariza as formas, que se acomodam ao sistema, passando a atuarem como forças internas opostas às externas, ocasionando as “motivações em competição”. Estão dadas, então, as bases para a não aceitação tanto do reducionismo formal inerente ao “estruturalismo autônomo”, como o reducionismo comunicativo decorrente da concepção de “funcionalismo transparente”.

A natureza sistemática do desenvolvimento da gramática é atribuída à natureza sistemática do desenvolvimento de processos mentais e comunicativos que condicionam o uso da língua. Nesse contexto, a gramaticalização se apresenta como uma das ferramentas mais válidas para investigar a interação falante/ouvinte no uso da língua, por um viés cognitivo-discursivo-estrutural, conforme entendem Bybee, Perkins e Pagliuca (1994).

A formação de um conjunto de regularidades é desencadeada por dois tipos distintos de forças: as pressões cognitivas e as pressões de uso. A coexistência desses dois tipos de pressões alimenta a dinamicidade que caracteriza a gramática. Esse propalado dinamismo fomenta a constância

---

<sup>1</sup> Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) sugerem a expressão *cadeias de gramaticalização* por entenderem-na mais adequada à especificação do processo do que o termo *continuum*.

das mudanças que afetam tanto a gramática como as línguas em geral.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) advogam que os significados que se referem aos universais da experiência humana, que dizem respeito a aspectos concretos, básicos e gerais dos contextos humanos e que são capazes de evocar múltiplas associações, impõem-se como os principais candidatos à gramaticalização. Isso ocorre porque suas características dilatam as possibilidades de referências a conceitos menos objetivos, numa potencial subjetivização que pode facilitar seu adentramento no universo gramatical.

Os autores suscitam uma discussão sobre o fato de que, ao incorporar sempre mais elementos gramaticais provindos de elementos lexicais, seria natural pensar que as línguas caminhariam para uma configuração que as tornaria cada vez mais e mais gramaticais. Na refutação a esse pensamento, pode-se argumentar que uma forma gramatical nova impulsiona, como consequência, o declínio de outra forma gramatical já existente. Onde é natural concluir-se que a evolução linguística apresenta caráter cíclico. (HOPPER e TRAUGOTT, 1993)

Conforme anotado anteriormente, um dos princípios que conduzem os estudos funcionalistas se nutre da idéia de que existe um contínuo na trajetória da gramaticalização. Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), esse processo estabelece uma escala crescente de abstratização - do mais concreto para o menos concreto - sendo determinada por uma transferência do universo referencial para o gramatical.

Nessa concepção, ocorre uma mudança semântica de caráter progressivo, indicando um deslocamento dos sentidos dos itens linguísticos que passam de conotações mais concretas para menos concretas. Assinala-se, assim, no sistema, a coexistência de formas/funções inovadoras e formas/funções já existentes, sem que as antigas tenham que desaparecer.

No que tange aos conectores, por exemplo, são recorrentes os casos em que elementos de origem adverbial – geralmente dêiticos espaciais que passam a indicadores de temporalidade – venham a assumir, na língua em uso, funções conectoras, para na sequência participarem na organização tópica ou funcionarem com fins mais propriamente interacionais. É o que provavelmente acontece com o item *agora*, o qual parece assumir, em alguns contextos, valor semelhante ao do conector *mas*, apontado como

o prototípico da categoria, conforme teremos oportunidade de observar adiante.

Tradicionalmente, processos de categorização têm levado em conta as propriedades distribucionais que os itens possuem, segmentando-os em blocos relativamente estáveis (DU BOIS et al., 1997). Essa articulação teórica remete à *categorização clássica* de Aristóteles, para quem as classes gramaticais são discretas e possuem propriedades inerentes, tal como se encontra na tradição gramatical. A essa classificação aristotélica se opõe a *categorização natural* de Wittgenstein, que reivindica limites imprecisos para as classes, cujos elementos se integram em diferentes graus. Além disso, a similitude entre os itens deve ser sempre considerada no processo de definição das categorias. (BARRETO, 1999; POGGIO, 2002)

Os protótipos se impõem como os membros centrais das categorias de nível básico, o que significa que existem atributos mais centrais – ou prototípicos – que outros.

O estudo das cores básicas realizado pela Psicologia Cognitiva se constituiu numa investigação basilar, que em muito contribuiu para a construção do conceito de prototipicidade. Os resultados apresentados lançam por terra a hipótese estruturalista da arbitrariedade das categorias linguísticas, vazada na concepção de uma organicidade que se impõe a partir da existência de traços essenciais.

Não é incorreto afirmar que a Teoria dos Protótipos consiste, sob um determinado prisma, numa aplicação das conclusões tecidas sobre a categorização da cor. A partir da interpretação do referido estudo, passou-se a aceitar a idéia de que os atributos são ordenados, no interior de uma categoria, revelando diferenças de graus que são reflexos de focos cognitivos. Quanto mais um membro se afasta do núcleo simbolizado pelo atributo mais prototípico, maior a possibilidade de pertencer a outras categorias. (DUQUE, 2003)

Uma descrição categorial não deve descartar os maus exemplos nem os membros marginais cuja pertinência pareça, à primeira vista, nebulosa. Pelo contrário, todos os dados são relevantes para a construção de um mapa categorial, uma vez que sua formatação considera os atributos em ordem de representatividade.

Inicialmente, foi a abordagem cognitivista que estabeleceu um

confronto entre a teoria aristotélica e a proposta categorial de Wittgenstein. Surge daí a Teoria dos Protótipos, postulando uma ausência de homogeneidade na estruturação das categorias. Desenvolve-se a concepção de que as categorias podem ser mais bem retratadas como organizações pautadas em estruturas prototípicas, reveladoras de bons e de maus exemplos para cada classe. O melhor exemplo se impõe como melhor representante de uma determinada categoria: seriam membros centrais - ou prototípicos – aqueles que os falantes evocam em primeiro lugar e em torno dos quais se estabelece a organização dos demais.

A proposta de Givón (1995) para análise da prototipicidade também apresenta uma solução que hibridiza elementos das abordagens clássica e natural. Na elaboração de sua teoria dos protótipos, o autor defende que os itens de uma categoria compartilham em proporções não equitativas os traços ou propriedades de tal categoria<sup>2</sup>. Aceita-se uma gradação de prototipicidade, que considera a capacidade de manifestar, no uso, uma oscilante quantidade de traços categoriais. Assim, são prototípicos os itens que acumulam uma maior densidade numérica de traços.

Partindo da teoria natural, que foge à discretude das classes requerida pela teoria clássica, é possível definir categorias, reconhecendo similaridades captadas pela intuição do usuário. Como não há uma demarcação precisa para as fronteiras classistas, projeta-se um *continuum* categorial.

Baseada nos aportes da Teoria dos Protótipos, Barreto (1999, p. 66) defende que, em Português, os conectivos não apresentam uma separação nítida entre coordenativos e subordinativos; o que há é “um contínuo que vai da coordenação perfeita à subordinação por excelência, havendo, em cada grupo de conjunções, os protótipos, isto é, as que preenchem as características básicas de cada grupo”.

Isto posto, torna-se instigante identificar traços categoriais que, em usos linguísticos aparentemente similares, tanto aproximam quanto distanciam comportamentos sintático-semânticos detonadores de implícitos

---

<sup>2</sup> Segundo Givón (1995, p. 102), há dois tipos de categorias: as sintáticas, que definem os constituintes “segundo seu papel na frase”, e as gramaticais, definidoras das modificações “que podem sofrer os membros dessa categoria de segunda ordem, em função do gênero, número, pessoa, etc.” Para esse autor, “o termo categoria representa uma classe, cujos membros figuram nos mesmos ambientes sintáticos e mantêm entre si relações particulares”. As categorias léxicas são primárias, enquanto as gramaticais são secundárias.

e pressupostos valiosos à intenção do falante e/ou à interpretação do ouvinte.

Qual seria, enfim, no quadro dos conectores opositivos, aquele(s) que incorporaria(m) o maior número de traços realizadores dessa função? Que traços poderiam definir essa aludida prototipicidade? São questionamentos que devem recorrer a análises de dados empíricos para que possam apresentar resultados aceitáveis. E, em exercícios calcados nesse propósito, a presença do item aqui enfocado, o *agora*, certamente, é obrigatória.

## 2. A diversidade de usos do *agora*

Nossas observações em relação ao uso do *agora* na fala do natalense informante do D&G<sup>3</sup> oportuniza uma reflexão acerca de sua recorrência em contextos dêiticos e opositivos, mas revela, também, sua competência para funcionar discursivamente, em preenchimento de pausas ou mesmo como sinalizador de digressões ou retomadas.

Vamos verificar alguns contextos semânticos de construções nas quais o *agora* funciona com esses valores para tentar formalizar algumas reflexões sobre sua multifuncionalidade.

A língua, como bem sabemos, se compõe de forma e função, estando aquela a serviço desta segundo uma abordagem teórica de cunho funcionalista. Nessa perspectiva, o parâmetro estrutural é importante para se verificar a possibilidade que os itens têm de mobilidade na oração, observando-se a interferência que isso ocasiona no componente sintático-semântico.

Nos dados do *corpus*, funcionando com valor adversativo, o *agora* ocorre:

a) em uma posição fixa entre os dois segmentos:

(1) [...] fica brincan::do ... aí a mãe ... aí a mãe ... aí quando eu passo

<sup>3</sup> O D&G de Natal é constituído por vinte depoimentos de informantes de diversos graus de escolaridade. Cada um dos cinco entrevistados produziu cinco gêneros de textos distintos, nas modalidades escrita e falada, totalizando duzentos registros. Para esta análise, foram selecionados recortes de “relatos de opinião” e das “narrativas de experiência pessoal” na modalidade de língua falada.



mainha...compra Pippos ... mainha compra ... mainha compra danone ... mainha compra ... mainha compra biscoito ... mainha compra ... **agora** adulto ... num compra ... aí ... é ruim de ser/ é ruim de ser adulto ... é melhor ser criança mesmo [...] (D&G, oral, p.184)

no início de frases interrogativas:

- (2) E: você gosta do futebol e tá dando sua opinião ... né ... você deu do time ... **agora** o que você acha da violência no ... lá dentro ...a violência dos jogadores e a violência lá na ... arquibancada?  
I: eu acho errado [...] (D&G, oral, p.170).

No exemplo (1), o *agora* demarca claramente o limite entre as informações que se contrapõem na linearidade da fala, projetando a informação contraposta que sucede a informação anteriormente posta no fluxo discursivo. Já em contextos como o de (2), o *agora* sinaliza a intenção do entrevistador de retomar o tópico do qual o informante parecia estar fugindo, ou de introduzir um novo tópico ainda não abordado.

Analisando as funções em que o *agora* aparece nos dados cotejados, orientamo-nos por Martelotta (2004), para propor a seguinte classificação:

1. Dêitico: funcionando com valor de *neste momento; nesse momento que passou; nesse momento que virá; a partir desse/ deste momento;*
2. Conector: funcionando com valor de contraste ou concessão;
3. Articulador discursivo: funcionando na organização tópica e sub-tópica dos enunciados.

De fato, não há nenhuma idiosincrasia verificável nos usos do *agora* ao se inserir em contextos positivos. Seu comportamento é semelhante ao de outros termos e construções que migram de um valor dêitico espacial para um temporal, assumindo função conectiva e passando, possivelmente, na sequência dessa trajetória, a realizar funções de caráter pragmático-discursivo.

Dados do português brasileiro atual, na modalidade oral, como os aqui expostos, comprovam a ampliação semântica em relação à proximidade do fato evocado que se dilata para extensões diferenciadas, tanto em referências

de temporalidade passada quanto futura, imediatas ou mais distanciadas do ponto dêitico. Observemos os dados:

- (3) [...] se preocupar mais em jogar futebol do que em ganhar dinheiro né? como já aconteceu **agora** com ... com Careca eu acho que ele pediu dispensa né? pediu pra sair ... pediu pra sair e ... todo mundo sabe [...] (D&G, p.16)
- (4) [...] você passa a ser bom ... automaticamente ... eu acho que não é assim ... sabe Sheila? não é você chegar e dizer assim ... vou ficar bom **agora** ... e de repente ficar bom ... primeiro você tem que se descobrir ... esse lado bom que você tem [...] (D&G, p.27)

Em (3), o *agora* assinala a perda de traços cujos valores apresentam referência presente para se estabelecerem pontos que se aproximam a referência passada, ou seja:

+referência presente > +referência passada (> +referência futura)

Esse movimento vai se confirmar em (4), quando o elemento em destaque assume um valor temporal para referência futura. Nesse caso, o termo se apoia na construção perifrástica *vou ficar*, marca empírica de futuro, contribuindo semanticamente para que o *agora* indique uma noção de futuridade, embora parta do momento presente, sugerido pelas instâncias dêiticas do discurso.

Desse modo, os dados ressaltam o caráter de mobilidade gramatical do *agora*, já nesta posição de advérbio temporal, embora se preserve o momento da fala, eixo central de onde partem todos os usos a ele vinculados, remetendo ao pensamento de Neves (1999), já assumido por Risso (1993), para quem o advérbio *agora*

nunca exprime momento ou período fisicamente delimitado, mas apresenta variação de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual) [...], mas pode abranger um período maior ou menor, não só do presente mas também do passado ou do futuro, desde que toque o presente ou se aproxime dele.

Geralmente, para dar conta da necessidade de referir o momento presente, o *agora* se faz acompanhar por circuntanciadores como *mesmo, já, neste momento*, entre outros, o que pode ser indício de que a flutuação entre as referências temporais indicadas pelo item torna insuficiente sua função de precisar o ponto temporal a que se refere a informação, demandando a construção perifrástica.

Da condição de temporalidade, as construções formadas com o *agora* realizam movimentos nos enunciados, evoluindo para uma posição relacional, potencialmente voltada para o plano textual. Nesse ponto, *agora* exerce valores de conector, cujo papel é servir de elo a segmentos ou orações. (OLIVEIRA, 2007)

No *Corpus* em análise registram-se várias ocorrências do elemento nessa função. Vejamos um exemplo:

- (5) [...] isso pra criticar ... outras não têm o mínimo interesse mesmo ... não querem saber de Jesus ... quanto mais de religião ... então elas usam esses tipos de escândalos essas coisas que acontecem pra criticar ... né ... criticam bastante ... **agora** ... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não-crentes ... ( D&G, oral, p.125)

Nesse caso, o informante compartilha com o ouvinte idéias que, de certa forma, se opõem à declaração inicial. Como se pode perceber, o termo age num contexto e logo após se segue uma pausa para dar sequência ao fluxo discursivo, que se completa com uma informação de sentido oposto, revelando nuances de um conector adversativo. Para atestar tal interpretação, é bastante verificar a possibilidade de o *agora* ser intercambiável com o conector *mas*.

Desse modo, verificamos que há uma liberdade de estruturação entre as formas, numa demonstração de que seu processo de categorização deve ser maleável, uma vez que, no transcurso da fala, os elementos linguísticos estão sujeitos a assumir posições, sentidos e funções variáveis.

Conforme demonstra Risso (1993, p 34-5), a diferenciação sintático-semântica da forma *agora* em relação ao advérbio temporal reside em

algumas propriedades que são aplicáveis ao advérbio e bloqueadas ao marcador discursivo no âmbito textual. Nas palavras da autora: Por exemplo: a) o marcador não é desencadeado por “Quando?” ou “desde quando”? Ou parafraseável por “atualmente” e “neste momento”. b) Não se enquadra como foco de orações clivadas, configurando-se a sua condição de “elemento pragmático-discursivo”.

Essas são, realmente, estratégias produtivas para a análise do item, uma vez que tanto em relação às interrogações quanto à paráfrase, emergem como resposta construções que se enquadram como pertencentes à categoria semântica indicativa de temporalidade.

Para argumentar que o articulador gera a impressão de estarmos diante de “um elemento descartável”, potencialmente dispensável na fala, Risso (1993, p.39) acrescenta que a eliminação do *agora* não traz prejuízos, se pensarmos a partir de uma perspectiva estritamente sintática.

Prestemos atenção ao *agora* negrito na ocorrência a seguir:

- (6) [...] isso é do mal ... agora as pessoa que é:: é do bem ... é:: faz qualquer coisa ... brinca com a pessoa ... se a pessoa pedir ... brinca com a pessoa ... **agora** ... é:: se por exemplo ... se eu pedir a pessoa pra nu/ pra brincar e a pessoa num quiser ... brincar ... aí é mesmo que ... é do mal [...] (*Corpus D&G, oral, p.189*)

Nesse enunciado, o *agora* funciona como elemento aparentemente destituído de valores sintáticos, acompanhado da pausa, deixando a impressão de que o informante quer ganhar tempo, evitando o silêncio, enquanto planeja a projeção da informação, tentando manter sob controle o fluxo da fala. Nesse contexto, observamos um nível maior de abstração no teor semântico do *agora*. O item, que na gênese era dêitico, parece ir perdendo suas marcas referenciais. Por isso, seu comportamento, na ocorrência em análise, indica o exercício de uma função mais discursiva, embora, também, não deixem de ser acionados traços semânticos característicos de oposição. Talvez seja esse o contexto que, pragmaticamente, mais simbolize a mudança em curso.

Nossa percepção atribui a situações como essa os usos dos

articuladores que acionam uma função especificamente discursiva, uma vez que parecem tentar manter a atenção do interlocutor sobre o que está sendo discorrido, de modo que não haja tomada de turno, nem ocorra uma pausa em que o silêncio possa sugerir dúvida ou hesitação em relação ao que está sendo dito ou, ainda, incompetência para articular com desenvoltura seu propósito comunicativo.

A trajetória traçada pelo *agora*, conforme discutido até aqui, apresenta fortes indícios de que o item experimenta o processo de gramaticalização, considerando a origem adverbial, tanto locativa como temporal, a passagem pelas funções conectivas e o uso como articulador discursivo. Vale salientar que, nessa diversidade de funções, um uso não tem exclusividade em uma determinada sincronia em detrimento de outro, ou seja, eles podem conviver sincronicamente sem que se exclua qualquer das funções para as quais a forma é acionada.

### 3. Sugestões funcionalistas: contemplando o ensino

Difícilmente se pode estudar ou ensinar qualquer conteúdo sem que se parta de uma base classificatória. E qualquer estudioso pode classificar ou categorizar os instrumentos linguísticos coerentemente, desde que se pautem em critérios lógicos e teoricamente consistentes. Sabemos que *classificar* é ordenar a partir de um determinado ponto de vista.

Como a escola tem ensinado a classificação dos itens conjuncionais? Simplesmente segue o que preconizam os compêndios gramaticais e suas ramificações em manuais didáticos, apresentando listas, e ilustrando com exemplos fabricados para atestar a situação, ou coletados em autores considerados bons pelos próprios gramáticos.

Observando, por exemplo, o caso dos conectores adversativos, vamos encontrar, com raríssimas variações, uma lista mínima, da qual constam os itens: *mas, porém, entretanto, no entanto*.

Com vistas à provocação ora ensaiada, consultamos em sete gramáticas pedagógicas de cunho normativo a lista dos conectores adversativos (CUNHA, 1980; MELO, 1987; PASCHOALIN; SPADOTO, 1989; TERRA, 1997; TUFANO, 2001; SACONNI, 2003; MESQUISTA; MARTOS, 2004). Em apenas uma delas (MELO, 1987) é citado o item *agora* e em todos os exemplos utilizados pelos diversos autores são apresentadas

formulações em que aparecem o *mas* e o *porém*. De certa forma, isso é compreensível, uma vez que esses dois elementos são, de fato, numa escala de prototipicidade, os que apresentam o maior número de traços de conectores adversativos, conforme podemos atestar em Silva (2005).

No entanto, esse tipo de abordagem é reducionista porque leva o estudante a restringir seu repertório, não sendo convidado a refletir sobre a natureza variacionista da língua, nem instigado a perceber as diversas possibilidades de inovação que as construções linguísticas, observadas em seus usos reais, podem experimentar.

Ao nos determos, especificamente, sobre o item *agora*, em amostras de fala do *corpus* do D&G da cidade de Natal-RN, podemos atestar flagrantes movimentos funcionais que se revelam nos dados observados. Não nos preocupamos, na presente discussão, em quantificá-los, mas sua frequência como elemento adversativo, ou como elemento cumpridor de uma função mais discursiva (com maior grau de abstração) é significativamente recorrente.

Percebidos os fatos linguísticos desse modo, uma questão se impõe: que inovações podem ser tentadas no ensino de língua, em relação ao uso dos conectores, no sentido de desenvolver as competências linguísticas dos alunos, objetivando a produção de enunciados mais estrutural e conceitualmente bem formados?

Arriscamo-nos, na sequência, a sugerir uma série de intervenções voltadas à consecução desse propósito:

- ▶ Identificar e quantificar dados de língua oral (como também de escrita) é atividade recomendável porque se constitui em oportunidade para o aluno manipular informações linguísticas que lhes suscitem a reflexão sobre os padrões de uso e correção. Além disso, promove a salutar experiência de realizar atividades de pesquisa, nas quais se estimula uma participação mais ativa na construção do conhecimento sobre a língua, no que concerne às escolhas e seleções feitas pelos usuários nas mais diversas instâncias comunicativas.
- ▶ Examinar dados de língua oral e/ou escrita produzidos em situações reais de uso da língua é provocar nos alunos a capacidade analítica voltada à construção de um conhecimento

que parta de uma postura reflexiva. Isso não invalida nem impede o estudo da norma considerada padrão, mas pode orientar o aluno a compreendê-la a partir de parâmetros críticos por ele mesmo constituídos. Essas análises devem ser fundamentadas na percepção de que a língua é discurso/gramática e que se (re) faz na fluidez dos usos, sendo passível de inovações, apesar de parecer repousar sobre uma regularidade absoluta.

- ▶ Defender a teoria da prototipicidade, na perspectiva da linguística funcional, impõe-se como produtivo exercício de classificação de itens e construções pelos professores e alunos, uma vez que possibilita, inclusive, um embate entre a classificação normativo-prescritivista e aquela feita a partir da observação de dados concretos de uso da língua. Lembramos, entretanto, que a classificação será boa, se os critérios selecionados também o forem, como, aliás, já disse Gladstone Chaves de Melo, em sua tradicional Gramática Fundamental da Língua Portuguesa.
- ▶ Comparar manifestações linguísticas de épocas distintas é estratégia didática positiva, já que, por seu intermédio, se pode constatar a variação e a mudança de comportamento sintático-semântico de que são passíveis os elementos mais diversos. Lembramos que os aspectos cognitivos relacionados ao sentido gramatical dos itens e construções linguísticas são mais bem compreendidos se considerados como passíveis de mudança, considerando-se a instabilidade e o dinamismo que caracterizam o universo comunicativo. Por isso, os estudos relacionados à gramaticalização envolvem a necessidade de comparação entre estágios linguísticos distintos, utilizando-se de abordagens tanto sincrônicas como diacrônicas, determinando a primazia de um tratamento pancrônico<sup>4</sup> para a consecução de melhores resultados nas investigações envidadas nesta área do conhecimento.
- ▶ Propor pesquisas nas quais os alunos observem (e até gravem, se possível) situações relativamente informais de fala em que alguns registros não acomodados no cânone gramatical podem

---

<sup>4</sup> Cf. Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999).

ser recorrentes, observando se são restritos a falantes pouco escolarizados ou se são frequentes, também, na linguagem dos usuários com alto nível de escolaridade, quando se encontrem em contextos não monitorados, pode ser ferramenta relevante no combate ao preconceito linguístico. É uma estratégia para fomentar a reflexão sobre padrões de adequação/ inadequação, ou até mesmo, sobre acerto e erro em relação aos usos linguísticos.

Certamente, essas são algumas estratégias, dentre muitas outras, das quais a prática de ensino de língua pode lançar mão, perseguindo a vivência de uma análise linguística conectada às necessidades interacionais dos alunos e voltada ao desenvolvimento de suas habilidades interacionais. A competência comunicativa, bem o sabemos, é diretamente influenciada pela capacidade criativa, a qual somente um ensino mais reflexivo pode estimular.

### **Reflexões conclusivas**

O ensino de língua se distancia em muito dos usos linguísticos que emergem nas situações interacionais nas quais os falantes/alunos estão inseridos e, embora seja importante expandir o repertório linguístico e investir na ampliação do conhecimento sobre a língua, esse distanciamento, provavelmente, tem tornado impeditivo o desenvolvimento das habilidades expressivas dos discentes.

O desprezo à constatação de que a língua é um fenômeno em permanente devir, complexo e eivado de múltiplas facetas, que nunca está finalizado, mas sim em contínua construção, constitui-se numa postura contraditória e incoerente quando se tem por objetivo aprimorar o conhecimento do aluno em relação ao domínio do linguagem.

Neste trabalho, acomodados em pressupostos da linguística funcional, apresentamos a feição dinâmica do comportamento sintático-semântico do item linguístico *agora*, para tentar defender que uma abordagem privilegiadora dos usos linguísticos, especialmente, os da modalidade oral, pode tornar mais realista e, talvez, por isso mesmo, mais instigante a construção do conhecimento linguístico do aluno.



Vale ressaltar que nosso propósito de inserir dados da língua oral em situações de aprendizagem não se coloca como excludente em relação ao uso padrão, tampouco intenciona desconsiderar a relevância que a chamada gramática tradicional pode ter nas aulas de língua. Apenas, questionamos o seu absolutismo e a insistência em uma pedagogia linguística que já não tem conseguido atingir seus propósitos mais elementares: levar o aluno da educação básica a ler e a escrever proficientemente em sua própria língua.

Acreditamos, por fim, que um ensino que contemple a descrição das formas e a análise das funções, atuando num contínuo de usos que pode ir do extremamente informal ao plenamente formal, deve se afirmar enquanto prática pedagógica que valorize a língua oral, confirmando a natureza variável e flexível da realidade linguística.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, T. M. M. Processos semânticos verificados na constituição dos itens conjuncionais do português. In: Maria Elias Soares; Maria do Socorro S. Aragão (orgs.). *XVII jornada de estudos lingüísticos (Anais)*. Vol. I. Fortaleza: UFC/ GELNE, 1999.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: Chicago Press, 1994.

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1980.

DU BOIS, J. W. *Discourse and The ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus*. Santa Barbara: Rice Symposium: University of California, 1993.

DUQUE, P. H. *O elemento “agora” sob o enfoque da gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. UFRJ: 2002.

\_\_\_\_\_. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical. In: MOLLICA, M. C.; RONCARATI, C. (orgs.). *Anais do III congresso internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Corpus discurso & gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins 1995.

HEINE, B; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p.155 – 175

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1989.

MARTELOTTA, M. E; AREAS, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; MARTELOTTA, M. E; OLIVEIRA, M. R. de. (orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, p.17 - 28.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: Uma abordagem Funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MELO, G. C. de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1987.

MESQUISTA, R. M; MARTOS, C. R. *Gramática pedagógica*. São Paulo: Saraiva, 2004.

NEVES, M. H. de M. As construções concessivas. In \_\_\_\_\_. (org.) *Gramática do português falado*. V. VII: novos estudos. Campinas: UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma introdução ao Funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CHRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da. (orgs.) *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

OLIVEIRA, M. J. *Conectores adversativos na fala do natalense: uma análise funcionalista com implicações para o ensino*. Dissertação de Mestrado. Natal: UFRN, 2007

PASCHOALIN; SPADOTO. *Gramática, teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1989. POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

RISSO, M. S. “Agora... o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T. (org.) *Gramática do Português falado*. Volume III: As abordagens. Campinas, SP: São Paulo: FAESP, 1993.

RODRIGUES, F. C. D. O termo agora: prototypicalidade e funcionalidade. In: *Anais. Caderno 09-08: Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2002.

SACONNI, L. A. *Gramática essencial*. São Paulo: Atual, 2003.

SILVA, C. R. *Mas tem um porém...mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa, 2005.

\_\_\_\_\_. Por uma gramática funcional. In \_\_\_\_\_. *Ensino de Português: demandas teóricas e práticas*. João Pessoa: Ideia, 2007.

TERRA, E.; DE NICOLA, J. *Gramática & literatura para o 1º. Grau*. São Paulo: Scipione, 1997.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*.

Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TUFANO, D. *Gramática: português fundamental*. São Paulo: Moderna, 2001.